

Crononímia e a Identidade do Tempo

Chrononyms and Time Identity

Reginaldo Nascimento Neto*

RESUMO

Este trabalho pretende discutir que os cronônimos - a denominação das divisões do tempo - têm sido apenas descritivos ou designativos, pois o tempo ainda está longe de ser entendido. Dessa forma, este estudo de Crononímia detém-se no exame dos nomes de fenômenos temporais, e tem como meta, descortinar a motivação inicial de determinado cronônimo bem como o momento e as circunstâncias em que se rompeu sua camada semântica primeva, redirecionando uma nova fluência de sentido para novas ramificações de significados, isto é, o esvaziamento semântico. Supõe-se que a crononímia, ou forma de nomear o tempo, empregada pelas civilizações, revela motivações cinético-astrais, espaço-ambientais, religiosas e, ou metafóricas. Dessa forma, então, os cronônimos envelopariam descrições desses fenômenos sob a ótica dos paradigmas de cada época, que ao serem descortinados, resgatam a referência científica e antropológica basilar da identidade do tempo eclipsada pelo contínuo esvaziamento semântico. Busca-se âncora teórica em autores como Bakhtin (1990), Dick (1990), Dick (1998), Piettre (1997), entre outros, e analisam-se etimologia e fluência histórico-semântica para os termos de tempo como segundo, minuto, hora, dia, semana, mês, ano, século, Era e suas subdivisões crononímicas, com o propósito de identificar as motivações do nomeador.

Palavras-chave: Crononímia; identidade; etimologia.

ABSTRACT

This paper intends to argue that Chrononymy – the denomination of time divisions – have been only descriptive or designative, because time is still far from being understood. So, this study of Chrononymy focuses on the examination of the names of temporal phenomena, and its goal is to discover the initial motivation of a given chrononym as well as the moment and circumstances in which the primitive semantic layer was broken, redirecting a new fluid of meaning through new ramifications of meanings, or its semantic emptying. It is assumed that the Chrononymy, or way of naming the time, used by civilizations, reveals kinetic-astral, space environmental, religious and, metaphorical motivations. In this way, Chrononymy would envelop descriptions of these phenomena from the perspective of the paradigms of each epoch, which, when uncovered, rescues the basic scientific and anthropological reference of temporal identity eclipsed by continuous semantic emptying. It is sought a theoretical anchor in authors as Bakhtin (1990), Dick (1990, 1998), Piettre (1997), among others, and analyze etymology and historical-semantic flow for terms like second, minute, week, month, year, century, age, and its chrononimic subdivisions, with the purpose of identifying the nominee's motivations.

Keywords: Chrononymy; identity; etymology.

Recebido em 3 de abril de 2020.

Aceito em 5 de agosto de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.381

*Instituto Federal do Maranhão, nadynhu@ifma.edu.br, orcid.org/0000-0001-6480-8357

Bendito quem inventou o belo truque do calendário, pois o bom da segunda-feira, do dia 1º do mês e de cada ano novo é que nos dão a impressão de que a vida não continua, mas apenas recomeça...
(Anônimo)

Introdução

Pode ser *princípio*, *beginning*, *archē* (ἀρχή) ou *rē'siyt* (רַעֲיוֹת), mas o tempo é um mistério. Nomeá-lo tem sido apenas descrevê-lo ou medi-lo porque ainda está longe de ser entendido.

Ao provar sua Teoria da Relatividade, Albert Einstein (1879-1955) disse que o tempo e o espaço têm interdependência. Para a física, o tempo e o lugar tiveram origem ou passaram a existir (cf. Hawking, 1988). Influenciado por esses postulados, Bakhtin (1990), ao referir-se sobre a narrativa, diz que *o tempo se concretiza e se encarna e se torna artisticamente visível* (BAKHTIN, 1990, p. 84). O universo é fascinante, o tempo também o é.

Ao se considerar que o tempo é um fenômeno físico, que pode ser medido e nomeado, urge perguntar que influências subjacentes motivaram o nomeador na nomeação do tempo manifesta nos cronônimos?

Segundo Michaelis (2015), um cronônimo é a denominação das divisões do tempo:

- Denominação das divisões do tempo em anos, estações, eras, meses, dias, manhã, tarde, noite etc.
- Denominação de eras e épocas históricas.
- Fato histórico de grande importância que marca o início de um tempo ou de uma era.
- Calendário.

Para Fiorin, “a realidade só tem existência para os homens quando é nomeada” (2006, p. 55), e para Dick (1998), o ato de nomear perpassa conceitos, valores e propósitos, intenções e códigos, não apenas convenções arbitrárias impertinentes. Oito anos antes, Dick (1990) já postulava que nomear é uma atividade bastante significativa do homem:

Para se tornar nome, a palavra passa por experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciador/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais (DICK, 1998, p. 101).

Nomeação como atividade humana inscreve-se como atividade bastante significativa ao homem, complementar, muitas vezes, do **perfeito entendimento da realidade** circundante. (DICK, 1990, p. 29). (destaquemeu).

Nessa âncora, levando-se em conta que não é possível adentrar o mundo do sentido sem passar pelos portões do tempo e do espaço, permite-se supor que a crononímia, ou forma

de nomear o tempo, empregada pelas civilizações, revela motivações cinético-astrais, espaço-ambientais, religiosas e, ou metafóricas.

Dessa forma, então, os cronônimos envelopam descrições desses fenômenos astrais, sensoriais, místicos ou científicos, que ao serem descortinados, resgatam conhecimento e modos de ver científicos e antropológicos.

Uma das relevâncias que se pode atribuir à crononímia decorre também do fato apreendido da citação de Michel Holquist, *apud* Bemong (2015) defendendo a amalgamação entre tempo e acontecimentos:

A cronologia não pode ser separada dos acontecimentos e vice-versa: um acontecimento é sempre uma unidade dialógica, tanto quanto uma correlação: algo só acontece quando outra coisa com a qual ele pode ser comparado revela uma mudança no tempo e no espaço (BEMONG, 2015, p. 19).

A linguagem é fortemente permeada por aspectos crononímicos. Ainda que implícitos, os enunciados de tempo e *aspecto*¹ dos verbos nos atos da fala fazem inferir as dimensões do hoje, ontem ou amanhã, cristalizando um *kairos*² dentro do *cronos discursivo*, isto é, demarcam um momento único no tempo em que esse enunciado ocorreu. Goethe via essa temporalidade como uma *entidade real dotada de significado histórico concreto*.

Dessa forma, este estudo de crononímia detém-se no exame dos nomes designativos e descritivos de fenômenos temporais, e tem como meta, descortinar a motivação inicial de determinado cronônimo bem como o momento e as circunstâncias em que se rompeu a camada semântica primeva, redirecionando uma nova matriz de sentido com novas ramificações de significados, ou seu esvaziamento semântico como chamado por Carvalhinhos (2007). Isto é, em que ponto ou faixa fronteira ocorre a mudança de nome descritivo para apenas designativo e, por que os cronônimos têm o nome que têm?

Quando o significado primário do nome que descreve um fenômeno temporal torna-se um cronônimo fossilizado, ele assume um novo sentido que, de certa forma, soterra, oblitera, ou até mesmo falseia elementos descritivos envelopados em sua etimologia.

-
- 1 Aspecto de um verbo está ligado à duração do processo verbal. Por exemplo, os verbos sacudir, quicar, rodopiar, girar, vibrar entre outros são verbos de atividade, pois têm uma dinâmica interna, descrevem eventos que se desenvolvem no tempo, sem ter um determinado ponto de conclusão e denotam ações idiossincráticas oscilatória, segmentada, de alternância, ou intermitente.
 - 2 *Cronos* (*Κρόνος*) é o tempo cronológico, ou sequencial passível de ser medido que é associado ao movimento linear das coisas terrenas. *Kairos kaipo* (*καιρός*) é um tempo fugaz em que uma oportunidade se apresenta e deve ser encarada com força e destreza para que o sucesso seja alcançado (WHITE, 1987, p. 13).

Se a compreensão de um léxico crononímico acomoda-se a uma esfera puramente sincrônica³, não discernindo os atributos incrustados nesse nome desde sua etimologia e percurso semântico, minimiza-se sua esfera semasiológica e referencial. Isto é, reduz-se drasticamente o material pontífice que pavimenta o vão entre o signo e o referente.

Por exemplo, do léxico crononímico *ano*, pode-se atinar mecanicamente apenas para um número (2018, por exemplo), sem, contudo, resgatar o conhecimento enciclopédico, filosófico e científico que envolve esse termo.

1. O tempo e suas digitais

O homem marca o tempo, agrupa-o cronologicamente e denomina-o. Narra sempre suas histórias atreladas às variantes do *era uma vez*. Faz com ele analogias associadas a um caminho. Por esse motivo, *presente* (do lat. *praesens e praesense* – à mão, imediato, logo à frente), *passado* (do lat. *passus, praeteritus* – deixar para trás ou já percorrido) e *futuro* (lat. *futurus* – tudo que ainda está à frente) significam uma demarcação metaforicamente espacial. Todavia, o tempo também narra sua versão dos fatos, e impõe sua presença, assinalando uma marca indelével sobre cuja base repetitiva, inventam-se relógios e medidores de seus ciclos.

Embora os ciclos repetitivos tenham sido relevantes para a funcionalidade dos relógios, não são seu único método operacional. A lei da entropia revela que os processos contínuos em direção a estados de gradativa desorganização e perda de energia são o vetor inexorável de todas as coisas, inclusive do tempo.

Aristóteles certamente deriva sua concepção sobre tempo, como sendo uma *realidade uniforme dotada de movimento*, a partir do postulado platônico que considera o tempo a “*imagem móvel da eternidade*” (BRAGUE, 1982, p. 15), quando diz:

Então, pensou em construir uma imagem *móvel* da eternidade, e, quando ordenou o céu, construiu, a partir da eternidade que permanece uma unidade, uma imagem eterna que *avança* de acordo com o número; é aquilo a que chamamos tempo (LOPES, 2013, p. 109).

Fazendo inferir uma anuência ao postulado de Reis (1996, p. 143) de que “só há tempo onde e quando houver movimento porque antes e depois já o pressupõe”, Puente apresenta a ideia da impossibilidade de tautocronia de instantes tanto quanto à de pontos no tracejado de uma linha reta:

3 O conceito de Sincronia do lingüista Ferdinand Saussure (1857 - 1913) refere-se ao estudo da língua sob a perspectiva de um momento específico. Ele postulava que a única realidade lingüística do falante era a língua em atual funcionamento. Isso em oposição ao conceito de Diacronia, comum em seus dias, que abordava o estudo da língua considerando o transcurso do tempo, sua etimologia e evolução semântica.

Com efeito, se ele (o agora) é a cada vez diverso e de modo algum partes distintas entre si podem ser simultâneas no tempo [...] então, tampouco os agoras serão simultâneos entre si. [...] é impossível que os agoras sejam contíguos uns em relação aos outros, como também é impossível que um ponto o seja em relação ao outro ponto (PUENTE, 2014, p. 24, 25).

Decorre daí que, como a roda de um carro gira ciclicamente ao redor de seu eixo enquanto locomove o veículo em um deslocamento espacial, também a cíclica do tempo é retilínea.

Muitos são os aspectos que associam o movimento ao tempo. Por exemplo, quando se vê a lua cheia brilhando no céu, observa-se de fato, o que ela fora há 1,2 segundos. Isso se dá porque existe um tempo decorrido no percurso desde que a luz foi emitida até ser observada. Isto implica em que se o sol, que se encontra a 149.600.000 de quilômetros da Terra, supostamente apagasse neste instante, seu brilho continuaria a ser visto por mais oito minutos. Dado às distâncias astronômicas, ao se observar Alpha Centauri agora, vê-se seu passado, isto é, o que esse sistema estelar foi há 4.367 anos.

De igual forma, a leitura da quantidade remanescente do Carbono-14 e as 9.192.631.770 oscilações radioativas do átomo de Césio-133 pulsantes em um segundo podem ser descritos como relógios.

Também, um balde, que contendo seis litros de água, tenha sido colocado vazio sob uma torneira que vazava 60 gotas de 0,05 ml a cada minuto, assinala que, se não houve alteração de fluxo ou volume nesse gotejamento, um período de três horas decorreu desde o primeiro momento em que o balde ali fora colocado.

As cãs e rugas no envelhecimento são apontamentos cíclicos da retilineidade do tempo. A quantidade de círculos e anéis que haja no tronco de uma árvore datam sua idade, medições de perda de energia e os assinalamentos radioativos únicos deixados na natureza, como os rádio-halos produzidos pela fugaz decomposição do Polônio-218 são vestígios da passagem do tempo.

Postula-se aqui que os cronônimos sejam também um assinalamento identitário, ou mesmo monumentos erigidos no tempo, que evidenciam as motivações onomasiológicas de cada etimologia, adendo, alteração ou neologismo semântico levadas a efeito na circunscrição de diversos paradigmas diacrônicos da sociedade, da cultura, da política, do poder ou da física, durante o processo de fossilização nômica de cada grandeza temporal, que se percebe como realidade. Dessa forma, os cronônimos também deixam marcas contínuas como impressões digitais, que permitem inferir a identidade basilar referencial de cada medida cronológica nomeada.

Para tanto, em consonância com Virgílio, na *Georgica* II p. 2.490, que diz ser “feliz aquele que chega a conhecer as causas das coisas” - *Felix qui potuit rerum cognoscere causas* – apresentar-se-ão doravante etimologias de cronônimos, com o propósito de garimpar segredos da língua soterrados pelo tempo, porque, conforme Pereira (2018, p. 01), “uma palavra, cavada até seus registros fósseis, pode se desdobrar em imagens magníficas para a compreensão da

história do pensamento e das artes”. Para o *Online Etymology Dictionary*, “etimologias não são definições; elas são explanações do que as nossas palavras significavam há 600 ou 2000 anos”⁴. No entanto, as etimologias aqui apresentadas não serão um fator limitante. Em algumas análises, abordar-se-ão referências semânticas, história, astronomia, e discussões de paradigmas e imaginários sociais pertinentes aos cronônimos.

2. Calendário: Rastreamento Astral

O calendário, segundo Ferreira (2001), é o sistema de medida que, baseando-se em fenômenos astronômicos ou num conjunto de regras específicas, divide o tempo em dias, semanas, meses e anos.

A palavra *calendário* vem do latim *calendarium*, e referia-se aos livros contábeis dos romanos. *Calendarium* advém de *calendas*, que referia o primeiro dia do mês romano, quando os débitos eram cobrados. A raiz PIE⁵ (protoindo-europeia) **kel-4*, fossilizada nas palavras *clamar*, *declarar*, *proclamar*, entre outras, compõe a palavra *calare*, cognata de *calendas* e significa *gritar*, *anunciar*, pois assim agiam os que vinham cobrar as contas.

Conforme a Encyclopaedia Britannica (1911), em Roma, o colegiado dos sacerdotes era responsável pela promulgação do calendário, estabelecendo feriados, datas de eleição, etc. Isto lhes conferia um poder que logo se tornou abusivo no sentido de servir a propósitos políticos, como o prolongamento de gestão de um magistrado, ou postergação da eleição anual.

Para dar um fim a esta farra sacerdotal, César convocou a assistência do astrônomo Sosígenes de Alexandria, que fixou a contagem da extensão do ano em 365 $\frac{1}{4}$ dias e o quarto ano com 366 dias.

Durante a República, o começo do ano coincidia com a posse de cargo de novos magistrados e nomeava-se o ano em decurso com o nome do cônsul eleito. Os Romanos contavam os anos a partir da fundação de Roma, por exemplo, 1 ad. U.C. (1 ab – Urbe Condita – 1 ano depois da fundação de Roma) isto é, 753 a.C., e o mês, a partir da lua nova.

O primeiro mês do ano era Março, como percebido pelos nomes Setembro (7) Outubro (8), novembro (9), Dezembro (10). Mas na instauração do calendário Juliano, em 46 a.C, ou 708 ad. U.C., começou com 1º de Janeiro, quando o equinócio caía em 25 de Março.

4 Etymologies are not definitions; they're explanations of what our words meant 600 or 2,000 years ago. Disponível em: https://www.etymonline.com/columns/post/abbr?ref=etymonline_footer Acesso em 23 jul. 2018.

5 PIE - Protoindo-europeia. PIE é hipoteticamente a língua ancestral comum das línguas indo-europeias. Como Albanês, Anatólio, Armênio, Báltico, Céltico, Dácio, Germânico, Grego, Ilírico, Indo-iraniano, itálico, Frígio, Eslavo, Trácio, Tocariano. O termo foi cunhado por Thomas Young, um médico e egiptólogo britânico em 1813. A gramática comparativa de Franz Bopp tornou esses estudos uma disciplina acadêmica. (AUROUX, 2000).

Nesse calendário, a regulamentação da intercalação a cada quatro anos de um dia a mais em Fevereiro foi desentendida pelos sacerdotes, intercalando-o a cada três anos, *i/o* quatro.

Augusto, após ser informado sobre o equívoco, tentou repará-lo, no entanto, a extensão astronômica do ano não tinha sido bem determinada. Os 11 minutos e 14 segundos não computados de cada ano levaram o equinócio do ano de 1582, para o dia 11 de Março, portanto, uma discrepância de um dia em cada 128 anos.

A fim de trazer o equinócio ao seu lugar primeiro, o Papa Gregório XIII mandou que se subtraíssem 10 dias do cômputo, em Outubro de 1582. A partir daí, instaurou-se o calendário chamado Gregoriano, que tinha um novo sistema de intercalação.

Diferente do solar, o calendário hebreu é datado a partir da criação como sendo 3760 anos e 3 meses a.C. Trata-se de um ano lunissolar e consiste de 12 ou 13 meses lunares⁶ com 29 ou 30 dias, o que resulta um ano ordinário de 354 dias e um ano embolístico⁷ de 384 dias, ocorrendo em cada ciclo de 19 anos.

Já o calendário muçulmano é datado do 1º dia do mês precedente à fuga de Maomé de Meca para Medina, isto é, 15 de julho de 622 a.D., os anos de Hégira são lunares e têm 12 meses lunares e começam com a lua nova.

Com relação ao cômputo de datas e contagem do tempo na história antiga, os eruditos modernos se utilizam de fontes como o Cânon de Ptolomeu, tabletas babilônicas e papiros egípcios. Observa-se que impressionantemente, os métodos de registro do tempo empregados por esses povos primevos quase não continham erros.

Na Assíria (cf. Packer, 1995), por exemplo, usava-se o *Limmu ou epônimo* que era a outorga do nome do oficial no cargo para o ano de sua regência. Produziram-se listas com a sequência desses nomes, onde também se registravam os acontecimentos ocorridos durante aquela vigência. Assim, com a informação de que no dia 15 de junho de 763 a.C., ocorreu um eclipse do sol que está registrado no epônimo de Bur-Sagale,⁸ foi possível correlacionar datas com nosso calendário moderno desde 911 a.C. a 648 a.C.

Também, listas com nomes de reis, bem como a sincronização dos relatos de eventos de outros povos com quem se relacionaram, lançam luz sobre a história Assíria desde 2000 anos a.C. (cf. Silva, 2008).

6 Pressupõe-se a luação com um período de 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 3 ^{1/2} segundos.

7 Que foi acrescido de dias para coincidir com o calendário solar.

8 A frase usada - *shamash* ("o sol") *akallu* ("obscurecido") - foi interpretado como uma referência a um eclipse solar desde a primeira decifração do cuneiforme em meados do século XIX. O nome Bur-Sagale (também traduzido como Bur-Saggile, Pur-Sagale ou Par-Sagale) é o nome do funcionário limmu no ano epônimo. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Assyrian_eclipse e https://books.google.com.br/books?id=L5dTAAAcAAJ&pg=PA660&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true.

No segundo século a.C., os egípcios reconheceram o período de 24 horas, cada uma com 60 minutos como a duração de um dia, mas, foram os Babilônios que, muito tempo antes, ao observarem com acurácia os movimentos dos astros, desenvolveram um calendário muito preciso com um ano de 360 dias divididos em 12 meses de 30 dias cada. Conforme Piettre (1997):

Esta divisão, tendo o número 12 como base, teve sua origem na Babilônia. Os Babilônios entendiam o ano sendo composto de 360 dias, contados em 12 meses de 30 dias e, a cada 6 anos, eles acrescentavam um mês para retomar o percurso do sol (PIETTRE, 1997, p. 18).

3. Cronônimos e a identidade do tempo

No processo onomasiológico da crononímia, ou forma de nomear o tempo, revela-se a intenção de descrever a concepção cinético-astral, espaço-ambiental, religiosa e, ou metafórica do nomeador, em sua busca de outorgar-lhe uma identidade, segundo suas concepções e usos do poder, e pode ser descortinada pelo estudo dos termos denominadores do tempo como se pretende constatar a seguir.

Dadas as limitações deste artigo, apresentar-se-á uma análise sucinta de cronônimos relativos aos tempos mais breves, que se subdividem na esfera do segundo, minuto, hora, dia, mês e ano (1 – 7).

3.1 Segundo

A palavra *segundo* advém do latim *secundus-a-um*, e é um particípio arcaico de *sequor* e *sequi*, que significava *seguir*. Quando um minuto era redividido em 60 partes, dava-se a cada uma dessas partes o nome de *pars minuta secunda*, isto é, a segunda parte diminuída, pois esta se seguia à primeira. Em latim, quem segue é o menor.

3.2 Minuto

A palavra *minuto* vem do latim *minutus* que é o particípio perfeito do verbo *minuere* composto com a raiz PIE **mei-2* (*pequeno*) e significava reduzido, diminuído, pequeno, insignificante, encolhido, muito breve. Como visto anteriormente, na divisão da hora por 60 partes, cada uma dessas partes era chamada de *pars minuta prima*, ou seja, a primeira parte diminuta. Em ambos os casos, há uma descrição dimensional do tempo resultante de uma divisão efetuada no segundo século a.C., pelos egípcios quando reconheceram o período de 24 horas, cada uma com 60 minutos, como sendo a duração de um dia.

Outro aspecto que se desembrulha nesse cronônimo é o aspecto místico do sexagenal na religiosidade babilônica. Sessenta era o número de Anu ou Marduque, sua divindade altíssima no transcorrer de sua história.

3.3 Hora

Os babilônios usavam como visto anteriormente, um sistema numérico duodecimal (12) e sexagenal (60). Dada sua necessidade de frações menores do dia, empregaram a trajetória da sombra de uma estaca produzida pelo sol e a fragmentaram-na em 12 partes, reproduzindo-as também para a noite. Assim eles dividiram o dia em 24 partes (12x2), e cada parte em 60.



Figura. Relógio de Sol

Fonte: <https://www.quora.com/Where-does-the-word-hour-come-from>

A palavra *hora* encontra-se no grego sob a forma de ὥραι – *horai*, e era usada para designar qualquer limitação de tempo dentro de um ano, como as estações. É descendente da PIE **yor-a*, que em inglês, compôs a palavra *year* (ano). Santo Isidoro (560-636) apresenta um trocadilho de palavras envolvendo a semelhança sonora entre Ωρα no grego e *ora* em latim. Embora, ambas procedam de raízes PIE distintas, são a ilustração de um aspecto comum na referência de hora, como segue:

Hora é um nome grego, todavia parece latino. *Hora* é de fato, um limite de tempo, assim como *orla* é um limite do mar, do rio e das vestes.⁹

Supostamente, os astrônomos gregos apropriaram-se do conceito de divisão do dia em 12 partes dos babilônios e denominaram-na como um pedaço limitante do tempo.

3.4 Dia

Dia deriva da palavra latina *dies* que emprega a raiz PIE **dei* significando *brilhar*, e **dyeu*, *quando há luz*. Em Sânscrito *dyāuh* significa *céu luminoso*. Na realidade, só a etimologia desse termo já faz alusão óbvia ao período claro em determinado hemisfério do planeta, entretanto, *dia* pode ser aplicado para significar o que é transitório, como se infere da palavra grega *hemera*

⁹ *Hora graecum est nomen, et tamen latinum sonat. Hora enim finis est temporis, sicut et orae sunt fines maris, fluuiorum, et vestimentorum. Opera Omnia, tomus III- Etymologiarium - livro 10 prioris, vol. 3 capítulo 29 - De momentis, et horis. p. 218. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=S8skJ9Z46mEC&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PR3*

(*ἡμέρα*) que, em português, deu origem à *efêmero* (*ephēmeros* - *ἐφήμερα*, isto é, *επι* - para, e *μερα* dia) ou aquilo que dura apenas um dia.

Esta palavra é empregada para denominar os insetos conhecidos como *efeméridas* da ordem *Ephemeroptera*¹⁰, (*ephemero* – que dura um dia, e *pterón* – pena ou asa), como a *mosca de dia*, *dayfly* em inglês, pois esses insetos adultos vivem somente um dia. Com o propósito de se evitar ambigüidade do termo, há o emprego de *nychthemeron* *νυχθμερον* – no sentido de 24 horas.

Outras línguas também empregam palavras distintas para dia, como parte clara, ou como período de 24 horas, dentre elas, Polonês, Russo, Hebraico, Sueco, Holandês.

O dia é mensurado pela rotação da Terra, que gira ao redor de seu próprio eixo imaginário, fazendo que qualquer ponto do planeta seja conduzido ao leste, da luz do sol para a escuridão, com um revezamento dos hemisférios na recepção de claridade e trevas.

Alguns povos antigos como os babilônios e os hebreus começavam a contagem do dia a partir do ocaso do sol. No que se refere a este aspecto semântico da palavra dia, O *Online etymology dictionary* diz que:

O significado original, em inglês, de *as horas da luz do dia* expandiu-se para significar o período de 24 horas na fenescência Anglo-Saxônica. Antigamente o dia começava ao por do sol, por isso em inglês arcaico *Wodnesniht* era o que chamaríamos de *terça-feira à noite*.¹¹ (Tradução do autor).

Outros povos como os egípcios, contavam-no a partir do amanhecer. Já o costume de considerar a meia-noite como divisa entre o dia e a noite procede dos romanos.

Nessa perspectiva, *hoje*, *hodie* do latim, vem de *hoc die*, isto é, este dia.

3.5 Madrugada

Ferreira (2001) denomina *madrugada* como o período entre zero horas e o amanhecer. Essa palavra é sinônima de amanhecer - (*prima lux*) - e, provavelmente seja oriunda do verbo latino *maturare*, que, além de ter um sentido de apressar, significa também *amadurecer*, ou *tornar-se maduro*¹²(*maturus*), formando também a palavra *matutino*. Decorre daí o estabelecimento de uma ideia metafórica na denominação de madrugada como sendo a etapa em que ocorre o *amadurecimento* do dia.

10 (HYATT & ARMS, 1891).

11 Meaning originally, in English, "the daylight hours;" expanded to mean "the 24-hour period" in late Anglo-Saxon times. The day formerly began at sunset, hence Old English *Wodnesniht* was what we would call "Tuesday night." Disponível em <https://www.etymonline.com/word/day> acesso em 23 jul. 2018.

12 <https://pt.wiktionary.org/wiki/amadurar>.

3.6 Alvorada

Alvorada advém da palavra latina *albor*, que significa alvura, e *albus* branco, e designa, conforme Ferreira (2001) o crepúsculo matutino, isto é, o período em que ocorre uma penumbra, meia-luz ou luminosidade indecisa precedente ao nascer do sol.

A palavra inglesa *Dawn* (*alvorada*) procede de *dagung* no inglês arcaico e do PIE **agh* – um dia e também traz o sentido de *luz crescente ou tornar-se dia*.

3.7 Manhã

Manhã, a hora inicial do dia, vem de *Maneana*, *Mane*, *manus* (bom), *maturus* (maduro) e *Matuta* (deusa da manhã), palavras latinas derivadas do PIE **meh-*₂, cuja raiz está relacionada com a ideia de amadurecer, cintilar, ou brilhar, e deu origem também à palavra anglo-saxônica *Morgan*, que virou *morning* em inglês. Dessa forma, é possível entender *manhã* como o período do dia quando o brilho cintilante está maduro.

Já a palavra *amanhã* procede da construção latina *ad maneana*, como a hora inicial do dia, naturalmente, significando do dia seguinte.

3.8 Tarde/vésper

A palavra tarde deriva de sua homógrafa em latim (*tarde*), que, por sua vez vem de *tardus* para designar o que é lento, demorado. Daí o verbo *tardar* (*tardus lento*) para se referir ao que acontece em momento posterior, ideia inerente em *retardar*, *tardamente*, *tardio*, etc.

A razão para *vespertino* (*lat. Vespertinus*) ser o adjetivo relativo à locução *da tarde* se dá porque, na mitologia grega Hésperos (Ἑσπερος) era uma divindade personificada pelo planeta Vênus, visível também no entardecer e por isso chamada de estrela vésper. Como já mencionado nas considerações sobre *dia*, alguns povos entendiam ser o por do sol que assinalava o início do novo dia, considerando-se assim, as primeiras horas após o ocaso, ou ao cerrar da noite, já como sendo o dia seguinte. Semelhantemente, *véspera*, ou o dia antecedente ao que se espera, também está associada com *anoitecer* advindo da PIE *wesperos*¹³.

3.9 Noite

Em oposição ao dia (parte clara), a noite é o período em que um hemisfério da Terra, devido a seu movimento de rotação, encontra-se sem a reflexão da luz solar. *Noctem* do latim, tem sua origem no grego *nux*, (νύξ), *nuktos* (νυκτος) e significa noite/escuridão. A raiz PIE

13 Calvert Watkins. The American Heritage dictionary of indo-european roots. 3ª. ed. 2011.

nek-t- (negro, de cor preta, escuro, sombrio) está presente em palavras como, nictofobia (medo da noite ou da escuridão), equinócio (*Aequus* – igual e *nox, noctis* – noite) para designar o fenômeno de terem o dia e a noite a mesma duração, e na palavra *night* em inglês.

Nesse contexto, *ontem* é o resultante da expressão latina *ad noctem*, ou seja, na noite passada.

3.10 Semana

A semana (*lat. septimana*) computada em um ciclo de sete dias é um legado do povo hebreu desde muito antes da semana planetária ser convencionada. A Enciclopédia Britânica diz:

A semana é um período de sete dias, não possuindo nenhuma relação com os movimentos celestes - uma circunstância à qual ela deve sua inalterável uniformidade[...] foi ela empregada desde tempos imemoráveis em quase todos os países do oriente, e como não faz ela parte integrante do ano, nem do mês lunar, aqueles que rejeitam a narrativa mosaica se sentirão embaraçados ao atribuir-lhe uma origem que tem muita semelhança com probabilidade¹⁴.
<https://archive.org/details/encyclopaediabri04chisrich>

Para os babilônicos e gregos, a astronomia passara a ser um foco de interesse desde seus primórdios. Ao observarem detidamente o firmamento, em uma época em que as luzes das grandes cidades não ofuscavam o espetáculo noturno sideral, efetuaram cálculos que, a partir da perspectiva na Terra, os levaram à ilação da distância aparente entre os sete astros visíveis na tela cósmica, convencionando a sequência *Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua*.

A influência mitológica babilônica, que via planetas como divindades, e os avanços da matemática e astronomia gregas formam o paradigma sob o qual se criaram condições favoráveis para designarem os nomes desses sete corpos celestes, um para cada dia do ciclo semanal.

Com a divisão do dia em 24 horas, o Egito consagrava cada hora a um determinado astro e o dia passou a receber o nome daquele que se referia à sua primeira hora. Ao ter sido completado o ciclo, o oitavo dia deveria ser novamente o de Saturno, pois, para eles, era quando supostamente a semana começaria diferentemente dos hebreus, que nominavam os dias da semana com numerais ordinais e, o sábado era o último dia.

Há em várias línguas do mundo, como se pode atestar abaixo, evidências vestigiais da influência dessas duas formas com as quais, os dias da semana foram nominados, ou seja, a numérica e a planetária. Em ambas, razões religiosas estão envolvidas.

14 Week. The week is a period of seven days, having no reference whatever to the celestial motions, a circumstance to which it owes its unalterable uniformity. Although it did not enter into the calendar of the Greeks, and was not introduced at Rome till after the reign of Theodosius, it has been employed from time immemorial in almost all eastern countries; and as it forms neither an aliquot part of the year nor of the lunar month, those who reject the Mosaic recital will be at a loss, as Delambre remarks, to assign it to an origin having much semblance of probability.

Dias da Semana em outras línguas

Português	Hebraico	Latim	Inglês	Alemão	Espanhol	Saxão
Domingo	Yom rishon (1°)	Solis Dies	Sunday	Sonntag	Domingo	Sun's Day
Segunda-feira	Yom sheni (2°)	Lunae Dies	Monday	Montag	Lunis	Moon's Day
Terça-feira	Yom shlishi (3°)	Martis Dies	Tuesday	Dienstag	Martes	Twi's Day
Quarta-feira	Yom revi'i (4°)	Mercurii Dies	Wednesday	Mittwoch	Miércoles	Wonden's Day
Quinta-feira	Yom hamishi (5°)	Jovis Dies	Thursday	Donnerstag	Jueves	Thor' Day
Sexta-feira	Yom shishi (6°)	Veneris Dies	Friday	Freytag	Viernes	Friga's day
Sábado	Shabbat	Saturni Dies	Saturday	Samstag	Sábado	Saterne's Day

No que concerne à planetária, o panteísmo Greco-romano associava o Sol, a Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno às suas divindades, pois, pensava-se que as deidades regiam os planetas. Ocorria também uma paridade dos deuses nos processos de transculturação. Por exemplo, em saxão, Tiw, Woden, Thor, e Friga eram respectivamente equivalentes a Marte, Mercúrio, Júpiter, e Vênus.

Outro aspecto observável é a integridade do ciclo semanal. Segundo Smith (1875), em suas escavações arqueológicas, o mesmo ciclo semanal foi registrado pelos assírios:

No ano de 1869, eu descobri entre outras coisas um curioso calendário religioso dos assírios, em que cada mês está dividido em quatro semanas, e os sétimos dias, ou 'sábados', estão marcados como dias em que nenhum trabalho deve ser empreendido. Durante 1870, eu estava envolvido preparando a publicação de meu extenso trabalho sobre a história de Assurbanipal, no qual entreguei os textos cuneiformes, transcrições e traduções dos documentos históricos deste importante reinado (SMITH, 1875, p. 12-13).

Outra fonte que evidencia a ininterrupta regularidade do ciclo semanal é a revista *Nature* ao publicar que:

A regularidade ininterrupta da sequência das semanas, que têm decorrido sem uma quebra por mais de três mil anos, excita o antagonismo de uma série de pessoas. [...] Alguns destes (judeus, além de muitos cristãos) aceitam a semana como uma instituição divina, que é ilícito alterar; outros, sem estes escrúpulos, ainda percebem que ela é útil para manter a unidade de tempo que, ao contrário de todas as outras, procede de forma absolutamente invariável desde o alvorecer da História. Esta visão encontrou apoio na reunião da União Astronômica Internacional em Roma, em 1922 (NATURE, 1931, V. 127, p. 869).

Conforme Odom (1965), ao falar sobre a semana planetária, o importante astrólogo helenista da Antioquia chamado Vettius Valens (120 – c. 175) apresenta em sua obra *Anthologia*

de dez volumes *um capítulo onde conta como encontrar o dia da semana em que uma determinada data de nascimento tinha caído:*

E quanto à semana e [o] dia sabático [a fórmula é] assim: Tomando [o número de anos completos e o [número de] intercalações desde [o começo da Era de] Augusto, acrescentando também o [número de] dias a partir de [o primeiro dia de] Thor até a data de nascimento, e subtrair de [o total] estes [números] sete quantas vezes for possível, e [contar] o restante (dias) do [do sol]. Desta maneira você pode calcular a estrela [planetária] à qual o dia pertence e a ordem das estrelas [planetárias] em relação aos dias [da semana], mantém assim: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, [e] Saturno, mas o arranjo de suas órbitas [ao redor da terra é] assim: Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, [e] Lua. (ODOM, 1965, p. 113).

Sabe-se que a semana hebdômada tem sido ininterrupta por quase dois milênios mesmo a despeito das mudanças gregoriana, Juliana e alexandrina no calendário. Segundo Neugebauer (2017), a data do domingo de páscoa pode ser rastreada através das muitas tabelas de cálculos até a primitiva tabela alexandrina, começando com a páscoa de 311 d.C.

Pelo que se pode depreender, o ciclo semanal tem se mantido ininterrupto, no entanto, algumas tentativas de alteração já ocorreram na história. Por exemplo, na União Soviética em 1929, Lênin decretou uma semana de cinco dias excluindo sábados e domingos, sendo seis semanas para cada um dos doze meses do ano, acrescentando cinco dias como feriados nacionais para completar os 365 dias do ano. Em 1932, mudou-se novamente o calendário para 60 semanas de seis dias, e em 1940, voltou-se ao calendário Gregoriano.

3.10.1 Domingo

O significado original do primeiro dia da semana designando o *dia do sol* é preservado em várias línguas como bem se pode perceber na tabela acima. Mas, o interesse eclesiástico pelo sincretismo litúrgico, a necessidade de adequação política por parte de Constantino (*Flavius Valerius Constantinus* – 272 – 337 d.C.) e também o sentimento de anti-semitismo promoveram a mudança do nome para *dies dominicus* ou dia do Senhor.

Como atesta Flávio Josefo em sua obra *Contra Ápion*, o princípio de descansar no sétimo dia havia sido levado pelos judeus a toda parte: *porque não há cidade dos gregos, nem dos bárbaros, nem de nenhuma nação, para onde o nosso costume de descansar no sétimo dia não tenha chegado* (WHISTON, 1895, p. 280)¹⁵, mas o édito de Constantino promulgado em 07 de

15 “For there is not any city of the Grecians, nor any of the barbarians, nor any nation whatsoever, whither our custom of resting on the seventh day hath not come”. Flavius Josephus. *The Works of Flavius Josephus*. Translated by. William Whiston, A.M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley, 1895. PÔR NAS REFERÊNCIAS

Março de 321 d.C. ordenou que todos deveriam descansar no venerável *dia do sol*.¹⁶ Gibbon (1776, p. 331) diz que Constantino averbou de “*dies solis*” (dia do sol) o “dia do senhor” um nome que não podia ofender os ouvidos de seus súditos pagãos.¹⁷

O concílio de Laodiceia (363-364 d.C.), motivado pelo decreto de Constantino, decidiu no Cânon 29, estabelecer a sacralidadedo domingo e execrar o feriado sábado como segue:

Os cristãos não devem judaizar e descansar no sábado, mas sim trabalhar nesse dia; devem honrar o dia do senhor e descansar, se for possível, como cristãos. Se, entretanto forem encontrados judaizando, sejam excomungados por Cristo (HEFELE, 1875, p. 316)¹⁸.

3.10.2 Segunda-feira

O termo *feira* acoplado nos dias da semana em português deriva de *feria* do latim - singular de *feriae* - de onde se formaram as palavras *férias* e *feriado*, e se referia, a princípio, aos dias de descanso, antecedentes ao domingo de páscoa, promulgados pelo bispo Martinho de Braga. No entanto, em 563, esse episcopal, presidindo um concílio da igreja católica nessa cidade portuguesa, obteve a decisão de mudar definitivamente para ordinais os cinco dos sete dias da semana, argumentando que eles faziam homenagem a divindades pagãs.

Já, *segunda-feira* em inglês – *Monday*, vem do arcaico *mōnandæg* – dia da lua, uma tradução de *dies Lunae*. Segundo Hall, 1985, a lua na mitologia sumeriana era a divindade Inanna e simbolizava a personificação da sabedoria. O santuário principal de Nanna em Ur era chamado de *E-gish-shir-gal*, ou seja, a casa da grande luz.

Foi em Ur que, segundo esse autor, o papel da sacerdotisa (*En*) se desenvolveu. Era um papel extremamente poderoso desempenhado pela princesa *Enheduanna*, filhado rei Sargão da Acádia, isto é, ela era responsável pelo culto de Nanna - a deusa-lua.

Innana era equivante à Ishtar dos Acádios, Astarote dos Filisteus, Isis dos Egípcios, e Astarte dos Fenícios¹⁹.

16 Que todos os juízes, e todos os habitantes da cidade, e todos os mercadores e artífices descansem no venerável dia do Sol. Não obstante, atendam os lavradores com plena liberdade ao cultivo dos campos; visto acontecer amiúde que nenhum outro dia é tão adequado à sementeira do grão ou ao plantio da vinha; daí o não se dever deixar passar o tempo favorável concedido pelo céu. Codex Justinianus, lib. 13, it. 12, par. 2. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89dito_de_Constantino#cite_ref-1

17 *Constantine styles the Lord's day dies solis, a name which could not offend the ears of his pagan subjects.* Disponível em <http://www.limpidsoft.com/galaxy8/declinefall2.pdf> p. 331

18 *Christians shall not judaize and be idle on Saturday, but shall work on that day; but the Lord's Day they shall especially honour, and, as being Christians, shall, if possible, do no work on that day. If however, they are found judaizing, they shall be shut out from Christ.* Disponível em <https://archive.org/stream/ahistoryofthecou02hefeuft#page/n331>

19 *Dicionário das mitologias européias e orientais.* [S.l.]: Cultrix. 1973. p. 126-127; 141

3.10.3 Terça-feira

O planeta *Marte* é conhecido como o planeta vermelho, e de fato ele assim é por causa de seu solo ser coberto por regolito - uma poeira rica em Óxido de ferro - e a oxidação da magnetita. Essa característica pigmentar perceptível aos escrutínios dos observadores evocava a metáfora de sangue e guerra, que era atribuída à divindade do combate e heroísmo na mitologia nórdica e no politeísmo germânico. O dia atribuído a essa divindade se faz notar no cronônimo *Tuesday* em inglês derivado do inglês arcaico *tiwesdaeg* e significa *dia* de *Tyr*, ou *dia de Marte*, o deus romano da guerra - *dies Martis* em latim.

3.10.4 Quarta-feira

No sistema onomasiológico da semana planetária, este quarto dia é uma homenagem ao deus da mitologia nórdica chamado *Woden*, ou *Odin*, cujo nome significava em norueguês arcaico fúria e excitação. Trata-se de uma deidade equivalente a Mercúrio do panteon greco-romano e Lupus do celta.

Decorre daí o cronônimo *Wednesday* em inglês que deriva de *wodnesdaeg*, ou o mesmo que *dies Mercurii* em latim, isto é, o *dia de Mercúrio*, ou *Onsdag* em sueco – dia de Odin. Entretanto, o nome para esse quarto dia é referido como *Mittwoch* – *meio da semana*, em alemão, e *keskiviikko* (*keski* – *meio*, *viikko* – *semana*) em finlandês.

3.10.5 Quinta-feira

O planeta júpiter era o planeta representante de *Thor*, o deus do trovão, e que foi empregado para designar o quinto dia da semana. Essa homenagem se verifica no nome *dies jovis* – dia de júpiter, e em inglês *Thursday* – dia de Thor.

3.10.6 Sexta-feira

No politeísmo antigo, o nome da deusa do amor e da beleza Frigga pode variar em Freya, Freija, Frejya, Freyia, Fröja, Frøya, Frøjya, Freia, Freja, Frua e Freiya e significa *senhora*, e era esposa de Odin. O sexto dia da semana foi nomeado como *Frīgedæg* ou dia de Frigga, como perceptível em no inglês *Friday*, e no latim *dies veneris* – dia de Vênus.

3.10.7 Sábado

O primitivo lexical que deu origem à palavra *sábado* é *shabat* (שַׁבָּת), do hebraico, uma substantivação do verbo *shavat* (שָׁבַת) – descansar, cessar o trabalho – sendo *sabbatonem* grego (Σάββατον) e *sabatum* no latim, manteve um nome distinto paralelo ao da semana planetária

sustentando ainda seu significado etimológico de descanso em muitas línguas modernas como abaixo demonstrado:

Sábado em outras línguas

Idioma	Termo	Idioma	Termo
Português	Sábado	Inglês	Sabbath/Saturday
Espanhol	Sábado	Romeno	Sâmb ^ã t ^ã
Italiano	Sabato	Sueco	Lördag – dia do banho
Francês	Samedi	Dinamarquês	Lørdag – dia do banho
Alemão	Samstag	Finlandês	Lauantai – dia do banho

Ao se atentar para a história, a política e os aspectos sociais e civis envolvidos com esse cronônimo, nota-se um litígio de aspecto ideológico-religioso que se tem travado periodicamente que é possível inferir a partir nos trechos extraídos de *Comentário sobre Salmos de Eusébio* bem como em Hefele respectivamente:

Todas as coisas que era dever fazer no sábado, estas nós as transferimos para o dia do Senhor, como o mais apropriado para isso, este é o principal na semana, é mais honroso que o sábado judaico.²⁰

Os cristãos não devem judaizar e descansar no sábado, mas sim trabalhar nesse dia; devem honrar o dia do senhor e descansar, se for possível, como cristãos. Se, entretanto forem encontrados judaizando, sejam excomungados por Cristo (HEFELE, 1875, p. 316).²¹

Estas imposições sucederam o costume relatado pelo historiador Sócrates, o eclesiástico (379-440):

Conquanto quase todas as igrejas do mundo celebrassem os sacramentos aos sábados, cada semana, os cristãos de Alexandria e de Roma, por causa de alguma tradição, deixavam de fazer isso (Sócrates, 439, p. 132).²²

20 Eusebius' Commentary on the Psalms (Psalm 92, a Psalm or Song for the Sabbath-Day). In: Migne's Patrologia Graeca, vol. XXIII, col. 1171-1172.

21 HEFELE, Karl Joseph Von . CLARK William R. A History of the Councils of the Church: From the Original Documents; Volume 2 Creative Media Partners, LLC, Edinburgo: 2018. Disponível em <<https://archive.org/stream/ahistoryofthecou02hefeuoft#page/n331>>

22 Ecclesiastical History, livro v, cap. 22 in Nicene and Post-Nicene Fathers, 2a. série, vol II, pág. 132. Disponível em: <[https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0380-0440,_Socrates_Scholasticus,_Historia_ecclesiastica_\[Schaff\],_EN.pdf](https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0380-0440,_Socrates_Scholasticus,_Historia_ecclesiastica_[Schaff],_EN.pdf)> Acesso em 15 jun 2018

Longe de ser uma questão puramente histórico-religiosa, ainda hoje, mesmo em um mundo ocidental plural moderno e de liberdade, vez por vez ocorrem ainda investidas políticas e comerciais para que haja deliberações no sentido de unificarem-se os dias de *feria* em que o comércio, a indústria e os sindicatos possam ou não funcionar, e com penalidades para os divergentes ou minorias discordantes.

3.11 Mês

Ao se calcular a média aritmética entre os 27.3 dias do ciclo lunar orbital e os 29.5 dias do fásico, obtém-se 28.4 dias como sendo o período para a translação da lua ao redor da Terra.

Decorre daí que o cômputo lunar para o mês empregado por povos antigos como os hebreus, é consideravelmente prático. A palavra hebraica para mês *chódesh* significa *lua nova*, e contém o radical Chadash (חֲדָשׁ) que significa *nova*, fazendo assim referência óbvia a essa fase da lua, e é o que determina seu primeiro dia - *Rosh chódesh*.

Essa é a única fase da lua que pode ser determinada com precisão pela simples observação nua, pois em sua plenitude, a lua desaparece totalmente, e no dia seguinte, logo após o pôr-do-sol, faz-se presente uma listra esbranquiçada no horizonte.

Também, as palavras *mensis* do latim e *mene* μηνε do grego têm a mesma raiz PIE *men/mon* (*mē-2*) – *lua* (cf. Watkins), de onde deriva *mês* em português. Isto é, mês implica em um ciclo lunar. Esta raiz está incrustada nas palavras *month* (mês) em inglês, *masah* (lua/mês) em sânscrito, *mond* (lua) em alemão, *maan* (lua) em holandês e *Mah* (lua) em persa.

A divindade grega da lua - Selene (selas – luz) também é chamada de *Mene* cf. Smith (1873)²³.

Como bem indicam os nomes numerais dos meses *Quintilis* (5º), *Sextilis* (6º), *September* (7), *October* (8), *November* (9) e *December* (10), o ano em Roma antiga começava no mês de Março, ou *Mars* – o nome dado em homenagem ao deus *Martius* da guerra e das marchas bélicas, representado pelo planeta Marte.

No ano de 44 a.C., o nome *Quintilis* referente ao 5º mês do ano foi substituído por *Iulius* para homenagear o imperador Júlio César, e no ano 8 a.C. o mesmo aconteceu com *Sextilis* para prestigiar Augusto César, passando o mês a se chamar *Augustus*.

Até 153 a.C., o ano começava em 15 de Março, época em que começavam também as atividades agrícolas do ano. O período de inverno naquela região, atualmente os meses de janeiro e fevereiro, era ignorado até sua inclusão no séc. VII a.C., feita supostamente por Numa Pompílio, rei romano que sucedeu a Rômulo.

23 SMITH, William. Dictionary of greek and Roman biography and mythology. John Murray. Spottiswoode and co. London: 1873. E <https://pantheon.org/articles/s/selene.html> acesso em 05/08/2018.

Morris (1976) e O'Neil (1975) apresentam as origens dos nomes dos meses do ano ocidental resgatando que *Janeiro* foi dedicado a homenagear *Jano* – deidade esculpida com duas faces opostas para representar entradas e saídas. Já *Fevereiro* como advindo de *februália*, um festival necrolátra de Roma. Sendo *Abril* estação primaveril no hemisfério norte, tem-se que essa palavra seja procedente do latim *aperire* – *abrir*, referindo ao tempo em que se abrem as flores. *Mai* seria uma homenagem à deusa *Maia*, divindade romana supostamente responsável pelo crescimento das plantas, enquanto que *Junho* se nomeia com pertinência à *Juno*, protetora das mulheres casadas. Os demais meses mantiveram o nome da descrição ordinal: Setembro – sete, Outubro – oito, Novembro – nove, e Dezembro – dez.

Já os nomes dos meses judaicos eram todos ordinais, no entanto, com o exílio em Babilônia, os nomes procedentes do acadiano foram adotados e descrevem eventos e características da natureza naquela estação como se pode verificar a seguir.

Tisri - תִּשְׁרִי – significa *início* e é seu primeiro mês no calendário civil. Antes do exílio, seu nome era *Etanim* – perseverança. O mês de **Cheshvan** – חֶשְׁבָּן – faz referência a dilúvio ou chuva, enquanto que **Kislev** – כִּסְלֵוֹ - vem de uma raiz hebraica כִּסַּל que significa *esperança*. A palavra **Tevet** – טֵבֵת – implica em *afundamento provavelmente referindo-se à lama deixada pela chuva*, e **Shevat** – שֶׁבֶט – quer dizer *árvore nova*. **Adar** - אֲדָר – é força e **Abib/Nissan** - אֲבִיב / נִסָּן – significa primavera, primeiros frutos, brotos, rebentos, é o início da primavera no hemisfério norte. O mês de **Yar** – אֲיָר – faz referência ao desabrochar, florescer, e é também conhecido como Ziv – luz. **Sivan** - סִיּוֹן – quer dizer estação ou tempo, enquanto que **Tamuz** - תַּמּוּז – é conectar, Av – אָב – pai e Elul – אֱלּוּל – busca e colheita, isto é, uma época de colheita ou ceifa.

O calendário Islâmico, por sua vez, tem como marco inicial a Hégira (c.622 d.C.) e foi introduzido em c. 638 d.C. Seus meses são lunares e começam ao por do sol de seu primeiro dia. Seu significado é histórico e religioso como cita Ilyas (1984):

Todos os eventos da história islâmica, principalmente aqueles que aconteceram durante a vida do Santo Profeta e posteriores, são mencionados com base no calendário da Hégira (ILYAS, 1984).

Destarte, os nomes de seus meses têm os seguintes significados: **Muharram** – seu primeiro mês, significa *proibido ou sagrado*, e **Saphar**, vazio. **Rabia I** e **Rabia II** referem-se respectivamente à primeira e segunda *primavera*, enquanto que **Jumada I** e **Jumada II**, à primeira e segunda *seca ou geadas*. **Rajb** significa *abstinência* e **Shaaban** *germinação*. O mês de **Ramadan** faz alusão ao *calor e estio*, é o mês em que se realiza jejum. **Xauul** é a época do *acasalamento* dos animais; **Dulcaada** significa *descanso* e **Dulrija**, *peregrinação*.

Durante a revolução Francesa (1789-1799), Charles Gilbert Romme (1750-1795) e Fabre d'Eglantine (1755-1794) instigaram a elaboração de um calendário de base decimal, que, tendo

os nomes dos meses mudados, fosse uma estratégia anárquica e descristianizante. André Thouin (1747-1824), um jardineiro do Museu Nacional de História Natural, ajudou ao poeta d'Eglantine a redenominar esses cronônimos fazendo com que cada mês aludisse a aspectos do clima francês. Assim, esse calendário vigorou de 1792 a 1806 tendo os seguintes nomes para os meses:

Alteração Crononímica da Revolução Francesa

CRONÔNIMO	PERÍODO	LATIM	SIGNIFICADO
Vendémiaire	22/09 a 21/10	Vindemia	Colheita das Uvas
Brumaire	22/10 a 20/11	Bruma	Nebuloso
Frimaire	21/11 a 20/12	Frimas	Nevoeiro /Geadas
Nivôse	21/12 a 19/01	Nivosus	Com Neve
Pluviôse	20/01 a 18/02	Pluviosus	Chuvoso
Ventôse	19/02 a 20/03	Ventosus	Que Venta
Germinal	21/03 a 19/04	Germinalis	Germinar
Floreal	20/04 a 19/05	Florus	Florido
Prairial	20/05 – 18/06	Pratum	Campina
Messidor	19/06 a 18/07	Messis	Colheita
Thermidor	19/07 a 17/08	Thermos	Calor
Fructidor	18/08 a 16/09	Fructus	Fruta

3.12 Ano

A terra circunda o sol em 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos (BOCZKO, 1984). Para esse tempo gasto na translação, dá-se o nome de ano. Termo derivado do latim *anus* e significa anel, círculo, que por sua vez, pode ser oriundo da raiz PIE **h-enkos*, que significa *curva*, transmitida para a palavra *ánkós* (ἄγκος) do grego arcaico.

A palavra *ano* compõe *aniversário*, que segundo Cunha (2010) advém do latim *anniversarius*, - (*annus* - ano e *vertere* – que volta ou regressa) – significando assim *aquilo que volta todos os anos*. Essa palavra se relaciona com o costume na Grécia antiga de homenagear a deusa Artemis com velas sobre um bolo de mel em forma de lua (LINTON; LINTON, 1952).

Nesse ciclo translacional ocorrem os solstícios (lat. *solstitium* – da PIE **sawel* – sol, e a raiz *sistere* – ficar, impor-se), os equinócios (lat. *equinoxium* composta de *aequus* – igual, e *nox, noctis* – noite, isto é, dia e noite com igual duração), e as estações quentes e frias, cujas particularidades, tais como: *o tamanho da sombra ao meio-dia no relógio de sol era muito maior na época fria que na quente*; a diferença na variedade de estrelas visíveis na estação fria

e na quente; e a relação das cheias ou secas dos rios com as estações, segundo BOCZKO (1984, p. 6), logo foram percebidas pelos antigos.

Essas estações (*latim satio* – de *serere*, *plantar*, *semear*) são chamadas de Primavera – do latim *primo vere* – princípio da boa estação, verão – *veranum tempus* – tempo da frutificação, Outono – de obscura ascendência etimológica, mas que pode derivar da raiz PIE **h₃ewǵ-* para frio, e Inverno – *tempus hibernus* – tempo de dormir.

No sistema de ideogramas utilizado pelos japoneses denominado de *Kanji*, segundo Papinot (1989), os pictogramas que representam as quatro estações, *Haru* – primavera (春), *Natsu* – verão (夏), *Aki* – outono (秋), e *Fuyu* – inverno (冬) descrevem respectivamente a semente germinada em meio à plantas e brotos robustos sob o sol, um corpo nu em busca de refrigério; arroz já colhido e fogo para seu preparo, e água congelada.

Como se pode perceber, os cronônimos revelam a leitura das realidades vivenciadas pelo nomeador.

Considerações finais

Ao se elencar o proscênio de abordagens acima declinados, entende-se que os movimentos da Terra, transportando a humanidade a 107.000 km/h pelo percurso cíclico chamado tempo, em meio a um sincrônico trânsito cósmico, têm sempre fascinado a curiosidade de todas as gerações. Essa relação do homem com o tempo possivelmente decorre da constatação de que o tempo é uma cadeia inexorável de grillhões inquebrantáveis diante da finitude de todas as coisas.

O reconhecimento da importância do nome para retratar/destratar, reforçar/neutralizar, estabelecer e/ou aniquilar ideologias, costumes sociais, cosmovisão, formas de pensar, admirar, reputar e julgar, individuais e/ou coletivos, resulta na constante luta pela supremacia em denominar para perpetuar.

As incrustações e fossilizações de elementos entrópicos dessemantizantes podem acarretar um novo sentido aos cronônimos afetados, de certa forma, soterrando, obliterando, ou até mesmo falseando suas propriedades descritivas originais, por vezes, envelopadas em sua etimologia, e pode interferir na identidade, cultura, ou consciência de grupos sociais.

Pode-se observar nas entrelinhas da história que o estabelecimento de feriados, e a manipulação do tempo por meio de seus cronônimos são uma ação de poder ou de pretensão ao poder, de forma que, se emprega a força ideológica embutida no tempo para validar esse exercício, demarcando, na dimensão temporal, um território destinado ao erguimento de monumentos que prestigiem ao poder.

No entanto, as incrustações e alterações ideológicas dos cronônimos são passíveis de trazer incompatibilidades, como visto, no cômputo dos ciclos agrícolas, econômicos, sociais e mentais.

Lipp (2001) associa a doença do estresse com a saúde mental.

Segundo Tanure, Neto, Santos & Patrus (2014, p. 1), uma percepção equivocada do tempo causa “*estresse, uma doença do tempo*, que destrói a qualidade de vida do indivíduo, retirando dele o tempo adequado para realizar suas responsabilidades e desenvolver suas relações afetivas”.

Essas desordens psíquicas parecem decorrer do efeito *Oddball*, que reporta uma diferente percepção da passagem do tempo, conforme a circunstância de prazer ou dor em que se veja submetido um indivíduo. Isto é, três dias de estadia em um luxuoso *resort* de uma paradisíaca praia tropical passam mais rapidamente que meia hora em um doloroso procedimento médico.

Alterações crononímicas mudam a percepção da realidade espacial e temporal. Conceitos diferentes, oriundos de olhares diferentes, fazem as coisas diferentes. Embora marcas vestigiais fossilizadas do significado primevo se façam presentes em muitos cronônimos, a redenominação do tempo muda a leitura do espaço, do lugar e do próprio tempo.

A crononímia, ou forma de nomear o tempo, parece revelar a concepção cinético-astral, espaço-ambiental, metafórica, e também religiosa do nomeador, em sua busca de outorgar ao tempo uma identidade, que reflita sua cosmovisão. No entanto, sob uma visão crítica, deve-se levar em consideração o caráter instilador de ideologias como aspiração do nomeador em perpetuá-la no futuro, além de ser um dos instrumentos socialmente engendrados para o estabelecimento, sanção, reforço e perpetuação da prática do poder, pois no estabelecimento de feriados, deliberações sobre quando se trabalha, quando se descansa, quando se comercializa e o que se comercializa de tempos em tempos é uma pressuposição da ação do poder.

Evidencia-se que o estudo da crononímia pode não apenas descortinar os vestígios remanescentes das intenções e pretensões do denominador nas mudanças nômicas do tempo levadas a efeito durante a história, mas também apontar que os codificadores temporais da sociedade têm sido associados às técnicas desenvolvidas para controle e gerenciamento social de que fala Foucault (1979/2008), pois o “comportamento humano é uma ação simbólica”, e a “importância da cultura, centra-se também no que está sendo transmitido com sua ocorrência (GEERTZ, 1989, p. 20).

É curioso notar que, em 31 de dezembro de 2019, foi descoberto um novo agente do vírus Corona que provoca uma doença chamada COVID-19, e é caracterizada por infecções respiratórias.

Essa nova mutação do vírus Corona, e seu principal foco epidêmico ocorreram na cidade de Wuhan - China.

Mas, devido à sua rápida transmissão, não mais só de animal para humano, mas já, de humano para humano, o mundo todo registrou avassalador número de casos e, em detrimento dessa situação, a OMS - Organização Mundial da Saúde - considerou-o uma pandemia mundial, que tem trazido caos aos serviços de saúde de todos os países.

Na tentativa de conter o alastramento da pandemia, governos decretaram o confinamento de seus cidadãos.

Em países mais seriamente afetados pela doença, como é o caso da Itália e Estados Unidos, tornou-se crime sair de casa. Foi promulgada uma quarentena ou feriado sem data para terminar. Pontos turísticos, rodovias, museus, casas de shows, shopping, e outros locais de atividades comerciais, se tornaram desertos.

Em apenas 15 dias decorridos desse confinamento, a despeito do surto ainda ter sido contido, alguns dados de melhoria ambiental se tornam evidentes. Por exemplo, os níveis de poluição do ar e das águas em grandes cidades caíram drasticamente.

Seria possível surgir daí o pensamento de que, por uma boa causa, ainda que a liberdade seja suprimida, os fins justificariam os meios?

Dessa forma, uma deliberação quanto ao estabelecimento de um novo modelo de jornada de trabalho ou de pausas prefixadas poderiam doravante começar a esculpir nos discursos e impregnações ideológicas, uma imagem do poder no tempo?

Recrudescer o controle do que se pode ou não se pode fazer em determinado tempo, com força de lei, sem considerar diferentes modos de vê-lo e vivê-lo viria a ser uma ditadura que execraria as minorias.

Referências

AUROUX Sylvain, “L’histoire de la linguistique”, em Auroux, Sylvain e Chevalier, JeanClaude dir., *Histoire de la linguistique française, Langue française*, 48, 1980, p. 7- 15.

AUROUX, Sylvain. *History of the Language Sciences*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

BAKHTIN, M.M. *Forms of time and of the chronotope in the novel: notes toward a historical poetics*. HOLQUIST, M. (Org.). *the dialogica imagination : four essays*. Trad.: C. Emerson; M. Holquist. Austin: University of Texas Press. USA, 1990.

BEMONG, Nele. *Bakhtin e o cronotopo: Reflexões, Aplicações, Perspectivas/ Nele Bemong et. al.; tradução Oziris Borges Filho, et. al. – 1ª. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.*

BOCZKO, R. *Conceitos de Astronomia*. São Paulo, Edgard Blucher, 1984.

BRAGUE, Remi. *O tempo em Platão e Aristóteles*. Ed, Loyola, 1982.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *As Origens dos Nomes de Pessoas*. In: *Domínios de Linguagem Revista Eletrônica de Linguística*. Ano 1, nº1. 2007. Disponível em www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/11401/6686

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DE VAAN, Michiel. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages* (Leiden Indo-European Etymological Dictionary Series; 7), , Leiden, Boston: Brill, 2008.

Dicionário Aurélio online, disponível em : <https://www.dicio.com.br/calendario/>

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os Nomes como Marcadores Ideológicos. In *Acta Semiótica et lingvistica*. v.7, n.1, 1998. pp. 97 – 122 disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/16907/9631> acesso em 10/05/2018.

Ecclesiastical History, livro V, cap. 22 in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2a. série, vol II, pág. 132. WACE, Henry (editor). Hendrickson Pub.1996.

Eusebius' Commentary on the Psalms (Psalm 92, a Psalm or Song for the Sabbath-Day). In: *Migne's Patrologia Graeca*, vol. XXIII, col. 1171-1172.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio século XXI escolar : Aurelio Buarque de Hollanda Ferreira ; coordenação e edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira ; lexicografia Margarida dos Anjos... [et al.] 4. ed., rev. e ampl. / do minidicionário Aurélio* Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.

FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística I. Objetos Teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

GIBBON Edward. *The History of The Decline and Fall of the Roman Empire* Volume 2.

HALL, M.D. A study of Sumerian moon god Nanna/Suen. Ph.d. thesis. University of Pensilvania, 1985, p. 227.

HAWKING. S.W. *Uma Breve História do Tempo*. Rio de Janeiro, 1988.

HEFELE, Josef Karl von. *A History of the Councils of the Church: From the Original Documents; Volume 2*. Edinburgh: Creative Media Partners, LLC, 2018. Disponível em <https://archive.org/stream/ahistoryofthecou02hefeuft#page/n331>.

HYATT, A.; ARMS, J.M. *Ephemeroptera*. in *Guides for Science-Teaching*. No. VIII. Insecta. Boston Society of Natural History. Boston. 1891.

ILYAS, Mohammad. "A Modern Guide to Astronomical Calculations of Islamic Calendar, Times & Qibla", Berita Publishing, 1984.

ISIDORI. Hispalensis Episcopi Opera Omnia. - TOMVS III. Etymologiarvm Libri X. priores. Vol. 3, cap. 29 – De momentis, et horis. p. 218. 1748. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=S8skJ9Z46mEC&printsec=frontcover&output=reader&pg=GBS.PR9>.

ISIDRO PEREIRA, S. J. Dicionário grego-português e português-grego. 8ª ed., Braga: Livraria A.I., 1998.

JOSEPHUS, Flavius. The Works of Flavius Josephus. Translated by. William Whiston, A.M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley. 1895.

LINTON, Adelin; LINTON, Ralph. The Lore of Birthdays. Illustrated by Bunji Tagawa. H. [S.I.]: Schuman, 1952.

LIPP, M.E.N. (org.). Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco, Campinas: Papirus, 2001.

LOPES, Rodolfo (Tradução do Grego, introdução e notas). Platão. Timeu-Critias. 3ª Edição. Editora: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

MICHAELLIS. Dicionário brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=3ZLo>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

MORRIS, William. Ed., *The American Heritage Dictionary of the English Language*, New College Edition, Houghton Mifflin Company, Boston, 1976

NEGEBAUER, Otto. Ethyopic Astronomy and Computus. The Red Sea Press, Inc. U.S.A. (January 31, 2017) 272 pgs

ODOM, Robert L. Vettius Valens and the Planetary Week. *Andrews University Seminary Studies (AUSS)* 3.2 (1965): 110-137. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol3/iss2/3>

O'NEIL, William Matthew, *Time and the Calendars*, Sydney University Press, 1975.

Our Astronomical Column. In: *Nature*, 127 (6 June 1931), n. 3214, p. 869.

PACKER, J.I.; TENNEY, M. C.; WHITE, William. *Nelson's Illustrated Encyclopedia of Bible Facts*. Thomas Nelson Publishers. USA : 1995.

PAPINOT, E. **Historical and geographical dictionary of Japan**. Tokyo: Charles e Tuttle, 1989.

PEREIRA. Gilberto G. Por que a etimologia é fascinante? Em *Jornal Opção*, , Goiânia - GO – 23 jul. 2018. Opção Cultural, edição 2227. Disponível em <http://www.jornalopcao-cultural/por-que-a-etimologia-e-fascinante-119645/> acesso em 23/07/2018 16:02.

PIETTRE, Bernard. *Filosofia e Ciência do tempo*. Ed. Edusc. 1997.

PUENTE, Fernando Rey; BARACAT, José Júnior (Organizadores). *Tratados sobre o tempo, Aristóteles, Plotino e Agostinho*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2014.

REIS, José. *Revista Filosófica de Coimbra* nº. 9. 1996.

SILVA, Rodrigo P. Escavando a Verdade. 2ª. Ed. CPB. Tatuí, SP: 2008.

SMITH, G. (1875). Assyrian Discoveries: an account of explorations and discoveries on the site of Nineveh, during 1873 e 1874, New York: Scribner, Armstrong & Co., chap. II, p. 12.

SMITH, William. Dictionary of greek and Roman biography and mythology. John Murray. Spottiswoode and co. London: 1873.

SPALDING. Tassilo Orpheu. Dicionário das Mitologias Européias e Orientais.[S.I.]: São Paulo: Cultrix, 1973. p. 126-127;141.

TANURE, Betania. NETO, Antonio Carvalho. SANTOS, Carolina Maria Mota. PATRUS, Roberto. Estresse, Doença do Tempo: um estudo sobre o uso do tempo pelos executivos brasileiros. In:Estud. Pesqui. Psicol. vol.14 no.1 Rio de Janeiro abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000100005>.

THE ENCYCLOPAEDIA Britannica: calendar. 11. ed. v. 4, p. 988. Encyclopædia Britannica, Inc.Cambridge: 1911.

The online Etymology Dictionary. Disponível em: <<https://www.etymonline.com/word/day>> acesso em 23 jul. 2018, 19:31.

VALENS, Vettius. Anthologiarum libri, V. 10. 10-33. The Greek text is given according to the edition of G. Kroll: Berlin, 1908, p. 26.

WATKINS, Calvert. The American Heritage Dictionary of Indo-European Roots. 3rd. ed. Houghton Mifflin Harcourt: USA, 2011.

Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language, Portland House, New York, 1989.

WHITE, E.C. Kaironomia: On the Will to Invent. Cornell University Press, Ithaca and London: 1987.

WHITE, Eric Chrales. Kaironomia: On the Will-To-Invent. Cornell Univ Pr; F First Edition. 1987.